

A TORRE DE BABEL.



CADA LOUCO COM O SEU TEMA.

Bandarra prof. 9999.

Subscreeve-se para esta folha que apparece as Quartas e Sabbados, na Typ. de R. Ogier, rua da Cadeia n. 143. a 20000 por trimestre pagos adiantados; e vendem-se ns. avulsos na mesma, e nas lojas do costume.

RIO DE JANEIRO. TYPOGRAPHIA DE R. OGIER.

7 DE ABRIL.

O dia 7 de Abril será para o Brasil huma epoca fecunda em resultados; não quero dizer quaes sejam porque não quero que me chamem Caramuru, Moderado, Exaltado, ou hum C... que os atravesse. Porém, os que se lisongeão de terem feito huma revolução se enganão; apenas concorrerão para huma sedição militar; a revolução começou depois da abdicção, porém entregue á si mesma se paralisou, ficou estacionaria. — Não se lisongee pessoa alguma do successo, elle foi obra do ex-Imperador; abdicou por que quiz abdicar, porque quiz ir-se embora, porque a situação era difficil como soberano do Brasil, e quiz ver si mudando de theatro, podia bem de actores e de scena. — Si elle tivesse querido continuar a governar o Brasil, o 7 de Abril lhe proporcionava huma brilhante occasião de assegurar o poder imperial; hum só acto de generosidade bastava para calmar o povo; e a tropa cederia toda ao prestigio da realty; em ultimo caso D. Pedro podia dispor de 400 veteranos estrangeiros, e quem nos conhece sabe que não somos homens de guerra. — A sua abdicção não foi forçada, foi anticipada; elle tinha pensado nella mais de huma vez; quem lhe impedia fazer abordo da Não Ingleza hum protesto contra o acto da sua abdicção, e envial-o á terra? Longe de hum acto tal, foi inexplicavel o seo praser quando presenciou a entrada magestosa de seo filho no Paço Imperial. Mais feliz que Napoleon abdicando a Corôa em seo filho, ou que Carlos 10 em seo Neto, elle vio realisar o seo Decreto, e passar da sua cabeça a Corôa para seo filho. — Teve melhor oportunidade na Europa, si a inconstancia de character que se lhe attribue o tivesse feito variar durante a viagem; quem impedia que chegando á Cherbourg houvesse legalisado hum Protesto? Ao contrario todos se admiravão da sua conformidade, e houve quem tivesse a cusadia de

dizer-lho, e ainda de perguntar-lhe a sua intenção á este respeito; respondeo sempre com a mesma serenidade e sangue frio, dizendo que elle tinha abdicado voluntariamente e sem constrangimento; jámais se queixou de hum individuo e menos do Povo Brasileiro, de quem sempre se tem mostrado muito amigo. — No dia 2 de Dezembro do anno passado, depois que todo o Corpo Diplomatico o tinha ido á comprimentar pelos annos de seo filho o Imperador do Brasil, depois de ter recebido igual cortejo do Rei e da Rainha de Franca, foi em pessoa á casa do Ministro do Imperio, o Sr. Rocha, á comprimental-o como o representante de seo filho, dando com este passo huma prova incontestavel de reconhecimento explicito e de respeito para com o legitimo Soberano do Brasil. — Isto he facto, não necessita de comentarios. — Si o ex-Imperador reconhece a legitimidade de seo filho, seria elle o primeiro em disputar-lha? isto não he crível; assim he que si algum ou alguns crêm que isto he possivel, são hums loucos furiosos que devem estar em hum quarto fechado. — Si algum toma este pretexto, si invoca o nome de Pedro I. e desconhece o grande principio da legitimidade do 2.º he hum criminal, he hum malvado. — Porém que tem isto de commum com o anatema que se tem lançado sobre o Duque de Bragança? Si não houvesse mais prova da immoralidade de hum Sr. Deputado, bastava o seo projecto de Decreto apresentado na Camara electiva proscurendo o pae em nome do filho. — Semelhante acto he não só inefficaz e desnecessario, si não nimamente immoral — inefficaz porque, si o povo do Brasil admittie ao ex-Imperador, o tal decreto carece de força; e si o não admittie, o decreto fica sendo inutil; porém de todos os modos elle seria immoral pelo máo exemplo; que diria o Imperador, quando chegasse á sua maioridade e lesse hum acto semelhante, proscurendo em seo nome? que po-

deria esperar-se de hum menino a quem se lhe imbuisse a idéa de poder proscriver á seo pae? Quem se julgaria seguro vendo-se nas garras de hum Parricida, pois que a proscricção he a morte civil? Si esse acto não foi só concebido para destruir o Império, e reduzir á despresão a pessoa do innocente Monarcha, eu não lhe acho outro prestimo, si não o de desconceituar o seo autor. — Agora bem, supozhamos que o ex-Imperador, tendo restabelecido a Corôa de Portugal na cabeça de sua Augusta filha, quér abraçar á seos filhos, cujo deposito entregou da melhor fé possível nas mãos dos Brasileiros, desejo saber agora, que lhe fariam quando estivesse dentro da bahia? Formariam a guarda Nacional com o Imperador á cabeça, desafiando as caricias do pae com hum bofifate na mão? Ora he necessario confessar que isto não tem resposta, e que até agora não se tem feito si não dar huma muito má idéa da gente que se chama *moerenda* por equivocação. — Eu não sei o que farião em tal caso os meos Patricios; tenho nelles a melhor opinião, e creio que não se degradarião nunca ao ponto de mancha. o manto do filho com o sangue do pae. Creio mais da moralidade das nossas massas; ellas verião no ex Imperador hum hospede nacional, á quem era devida aquella hospitalidade tão peculiar do povo Brasileiro. — Si isto chegasse á succeder, talvez as nossas desavenças fissessem crize. —

TYRANNIA.

Isto acabou com a applicação. Não se ouve já dizer sinão « já se foi o tyranno; desapareceu a tyrannia; somos livres para sempre, felizes, . . . » Com effeito, si por tyrannia se entende o Reinado do I. Imperador Constitucional do Brasil, podemos exultar porque elle não tornará mais, apesar do que digão dos Caramurús a Aurora, a Verdade, o Recopilador, o Independente &c.; porém, si se toma pela existencia de hum governo de facto sem garantias nem limitação alguma, então não deyemos exultar ainda, porque isto não vem com o tempo. A Tyrannia está menina, somos nós quem a estamos mamentando desde 1824; o ex-Imperador não a levou consigo; deixou-nos essa prenda para que nos lembrassemos d'elle. A Regencia podia tel-a morto si quisesse, porém com medo de tocal-a, deu que botasse as unhas de fóra; agora já se perde. O governo actual, sem attribuições nenhuma, ligado de pés e mãos, não pôde ser tyrannico nem arbitrario, nem util baixo nenhum aspecto; com medo da tyrannia do

governo, cahimos na impotencia legal, que he a mãe da peor das tyrannias, a tyrannia de muitos. Explicemos mais este negocio. A tyrannia foi em todos os tempos huma especie de governo, em que a lei autorizava amplamente ao Chefe da Nação para obrar todo o bem possível, sem limitação n'aquillo em que podesse obrar mal. Atenas teve os seos 30 tyrannos: Roma teve os seos Decemviros e Triumviros; o governo de Dinamarca he huma tyrannia por delegação do povo; o Senado de Venesia e o Patricio de Florença forão tyrannias constitucionaes, assim como os Dictadores nos bellos tempos de Roma. Pergunta-se agora houve nunca no Brasil senalhante forma de governo? Pago o achado á quem não provar. Porém dir-se-he « D. Pedro exorbitava á cada momento das suas facultades; excedia a lei; calcava aos pés as garantias que ellas offerecem. « Ora bem; entendam-nos. Quando hum governo se lança fóra da lei, ou obra sem ella, isto se chama Despotismo; quér dizer então, que não he governo, porque governo pressupõe huma regra de conducta, e o Despotismo he como a anarquia, a abnegação de todo governo; aquelle não se funda se não em duas grandes alavancas: o terror e a força. Vejamos agora existio acaso isto em tempo de D. Pedro? Sejamos francos hum instante sequér onde esteve o governo militar do ex Imperador, onde as execuções e os Cadafalsos, si não contamos os do anno de 24? Sem embargo em que paiz do mundo fica impune huma rebelião declarada? Creio que ninguem dirá que o resultado da revolução de 24 foi igual, ou comparavel se quér ao do anno de 17. Não he por ahi que peccou o governo do ex-Imperador, nem será de se pé que cocheará a Regencia; as suas faltas mais notaveis forão o desmaselo, a *qu-administração*, o peculato, os afillhados, a immoralidade dos agentes do poder, a falta de energia na accção das leis, a *impunidade dos crimes*, a profusão dos dinheiros publicos, finalmente as bagatelas em vez das cousas uteis. Somos agora de melhor condicção? Não, não, e não. A Regencia não he nem pôde ser tyrannica, e muito menos despotica; não pôde ser o porque não possui os elementos para isto, falta-lhe a moça real que he a *opinião*, e na sua falta a força armada; porém he conivente em todas as faltas da Administração de D. Pedro, com a unica differença, que he mais desculpavel porque a Lei das attribuições atou lhe as mãos; assim he que o governo actual he debil, insubsistente e fraco; e tão fraco que elle conhece a sua fraqueza. Incapaz de fazer mal, não faz bem nem evita os males que outros podem fazer; d'esta arte existe e existirá em quanto

não houver quem lhe diga: *saia d'ahi*; porém logo que a marcha das cousas chegar ao ponto em que a falta de respeito, que se lhe tem, passe á hum completo desprezo, a Regencia abandonará o seo posto por prudencia. Esta he a crize que ha que temer, porque n'esta transição o diabo que advinhe á que ponto chegaremos, pois que nas revoluções não se pôde diser: « deste pão não comerei nem d'esta agua beberei ».

HUM CONSELHO.

Temos a vista a Verdade de 15 de Dezembro, e na primeira linha encontramos logo hum motivo de censura. « O mais vil de todos os intrigantes do partido Caramuru Andradista, tão impudente na Tribuna como no Journalism, o Sr. M. em fim, que devorado &c. » — aqui temos as formaes palavras com que o nosso consocio começa o seo artigo — Interior — e se elle não está despojado de todo o sentimento de pundonor, he necessario convir em que semelhante linguagem não he a de hum homem bem criado; á menos que não queira parecer-se áquella Regateira que dizia á filha — chama-lhe p... antes que ella te clame. O vocabulo *vil* encerra em si tudo quanto ha de humilde e despresivel, e o meo consocio não admitiria de sangue frio huma igual retribuição. Quero que me diga hum instante, si existe algum ressentimento privado entre elle e o Redactor do Catão? si existe; porque não se entendem como Cavalheiros, como homens bem educados? por que quer fazer pesar sobre o publico a peçonha do seo ressentimento? Si não existe nada de particular; como pensa persuadir á ninguem que o Catão foi injusto, accusando a Regencia de indifferente aos applausos do 2 de Dezembro, enchendo de apodos e de vituperios á hum homem, á quem supõe ser o Redactor do Catão? He necessario confessar, Senhora Verdade, que V. S. he huma louca furiosa que traspassa todo o limite da *moderação* que ostenta, para iansar-se alem de huma culpavel exaltação de principios. Si o Sr. M., não sendo, como eu supponho, o Redactor do Catão, buscasse á V. S., e em justa indemnisação lhe applicasse huma boa dosis... diga-me, pois, com que razão se queixaria de huma aggressão? O *agressor* foi a Verdade, o *agredido* fôra em tal caso o Sr. M., e as leis da honra cubririão com a sua Egide a desafronta. — Convenhamos hum momento, minha boa companheira, que o seo nome não vai bem com as suas obras; por que hemos de fazer individual aquillo que he geral e pertence á todos? A

linguagem da Verdade tem feito mais inimigos ao Governo que todos os seus actos juntos; quando se crê que hum desafôro he huma razão, preciso he que cahiamos em taes anomalias — Ataquem-se embora as opiniões politicas, desmintão-se as falsas imputações; demonstrem se as falsidades de iniquos Detractores; porém não se insulte o Publico á cada momento com huma linguagem insolente que offende o bom senso de huns, e exita a indignação de todos. — O meo consocio convira, em que não he muito prudente ferir de morte a reputação de hum homem para persuadir-lhe que foi impudente ou falsario; a Verdade não carece de reverbero, ella luz por si, e perde o seo brilho no momento em que varia de foco. — Isto não he mais que hum conselho entre irmãos; não he *primasia* nem arrogancia, porque não quero ser Decurião da escola do journalism; quando eu cair nos defeitos que impugnei ei com muito gosto as mãos á palmatori

TRATAMENTO.

Genero muito barato no Brasil, que de ordinario se dá pelo amor de Deos; huns o dão com profusão para receber logo com demasia, e outros exigem a esmola e se enfadão quando não he abundante; assim he que hum homem que em outro tempo se contentaria com hum *Vossa-mercê*, hoje não fica satisfeito com huma *Senhoria* — Por esta ordem devemos dedusir que á aquellos que tem hum *tu*, se lhes deve agora dar hum *Vossa-mercê*; que aos que tem *Vossa-mercê*, se lhes deve dar huma *Senhoria*; que aos que tem *Senhoria* huma *Excellencia*; aos que tem *Excellencia* huma *Altesa*; aos que tem *Altesa* huma *Magestade*; e aos que tem *Magestade* hum *Tu*; pois que as im deveo ser desde muito tempo a traz; dizia Plinio á Trajano — he mister *que tu advirtas* que os povos elegem hum *Rey* para não ter hum *Senhor* — Democrito tratava de *tu* á Alexandre; e na Biblia não se trata melhor á Deos, que he a *Magestade das Magestades* — pelo menos David nunca lhe deu outro tratamento; em huma oração quotidiana temos hum exemplo bem palpavel: Padre nosso que *estais* no Ceo; santificado seja o teu nome; venha á nós o teu reino; seja feita a tua vontade &c. — Os Quakeros não tratão a Deus si não de *tu*, assim como não conhecem outro tratamento melhor para dar aos homems, si não que tratão geralmente com franqueza; porém não recebem o *tu* si não dos da sua seita; e quando hum Presbiteriano trata á hum Quakero de *tu*, dizem que

he hum insulto, por que entre os Presbitirianos não he costume tratar de tu á ninguem si não á Deos — Depois dirão que o mundo não está avessado. Ora bem; isto o que prova he que nesta terra as cousas tem mudado de nome; com effeito quantos velhacos não se chamão homens de bem? por isto não devemos maravilhar-nos de que aos Republicanos se lhes chame Restauradores; tudo muda, tudo varia neste mundo por aquella regra — *omnia mutantur* &c. — Sem embargo, temos já hum passo adiantado para a Republica; por que, sendo, como somos, tão avaros de tratamentos, começaremos por fazer o sacrificio de enterrar junto com o Imperio as Senhorias e as Excellencias. —

INTERIOR

Coligimos de tudo quanto se tem publicado officialmente sobre o Ceará e Pinto Madeira, que tudo era huma embrulhada ou huma mentira. — Nem Pinto Madeira tinha morrido, nem estava só; nem o Presidente do Ceará se tinha retirado porque já não havia rebeldes; nem as tropas de governo se retirarão porque o paiz se achava tranquillo. Foi depois que chegou o General Labattut que se lhe apresentarão mais de três mil rebeldes, e que Pinto Madeira solicitou delle a garantia de ser enviado á Capital para ser aqui julgado; foi pois sob a solemne palavra do General pacificador que se apresentou aquelle Caudillo, concluindo deste modo humá insurreição que tinha custado centenas de victimas pela impolitica, ignorancia, barbaridade e covardia dos outros agentes do governo, como parece indicar o mesmo General. Nunca estivemos de accordo na nomeação de hum Chefe, que não sendo Brasileiro de nascimento, era conhecido pelo seu character duro e insofrivel (alusão feita aos successos da Bahia), sem embargo do prestigio de bravo que tem, talvez bem merecido, esse mesmo General; porém como em politica os resultados justificão os meios; aqui temos bem justificada a nomeação do governo. Com effeito, o General Labattut cumpriu a sua palavra enviando Pinto Madeira á Capital por via de Pernambuco; e quando aquella Provincia se acha mais comprometida que nunca em hum guerra semellhan, o seo Presidente sacrifica e viola a honra do General Labattut retendo a chefia da insurreição, que talvez não tivera concluido

sem aquelle rasgo generoso. Quem deo auctoridade ao Conselho do governo de Pernambuco para julgar da conducta do General Labattut? quem o fez juiz de Pinto Madeira sometido já á auctoridade de hum chefe independente? Salvo si as instrucções do General Labattut erão as de obrar em tudo sob a influencia e ordens do governo de Pernambuco. O que eu vejo he que pelos officios do Vice-Presidente reinava hum grande intelligencia entre aquelle General e as auctoridades do Ceará e Pernambuco, pois que conclue o mesmo Vice-Presidente o seo officio, dizendo que tomou aquella resolução para cortar os vóos da arbitrariedade do chefe militar. Igual intelligencia reinava entre o dito Vice-Presidente e o Commandante Carapeba que estava obrando sobre Panelas, cujo baluarte foi reforçado consideravelmente pela nova insurreição de Jacuibe, protegida pela presença do celebre Tenente Coronel João Baptista, da Barra-grande, que fugio de huma Presiganga das Alagoas (tobem em Alagoas ha Presiganga). Esperava-se pelo General Labattut para que fizesse em Panelas o mesmo que fez no Crato, cuja doutrina prega já o Diario de Pernambuco; isto he, que lhes tire o morto de cima e logo. Torno á minha teima porque sou louco: isto não vae bem.

LIBERDADE.

Esta palavra he magica e tem a propriedade de, invocando a, fazer do branco negro e do negro branco. — Assim he que temos visto e estamos vendo alguns malvados tornarem-se virtuosos, porque tomão por estribillo esta palavra; outros, ladrões de profissão, tornarem-se homens de bem pela mesma razão; outros, entrampados até os narises, pagar as suas dividas com hum lindo episodio sobre a Liberdade; outros, ambiciosos á toda prova, chamarem-se seo amigo, e tachar de tyrannia até os dez mandamentos, só porque não forão elles quem os fizerão; em fim a voz Liberdade tem chegado á ser a palavra sagrada de huma confraria de Hermitães, como aquelle Ambrosio Lamela de Le Sage, que tem formado o plano de fazer-se legataria do Brasil á titulo de *mandas forçosas*. C... na liberdade de hoje, na de amanhã, e se me aporão muito, até na dos dez annos seguintes. Não ha mais liberdade si não vêr como escapamos da tormenta que nos ameaça.